

**FLORES AZUIS**  
**&**  
**Debie Rousseau**



**Warley Matias de Souza**

**FLORES AZUIS**

**&**

**Debie Rousseau**



---

Souza, Warley Matias de, 1974-

Flores azuis & Debie Rousseau/ Warley Matias de Souza. -

1ª ed. - Joinville : Clube de Autores, 2016.

144 p.; 15 cm.

ISBN 978-85-919584-4-3

I. Literatura brasileira - roteiro cinematográfico. I. Título.

CDD-791.4

---

**FLORES AZUIS & DEBIE ROUSSEAU**

*Copyright* © 2016 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo,  
sem autorização por escrito do autor.

# FLORES AZUIS

## PERSONAGENS

**CELINE** é negra, cinquenta e quatro anos de idade. Seus cabelos grisalhos estão sempre presos, o que revela o seu recato, adquirido com a idade. Pois, quando jovem, era voluntariosa, extrovertida e muito alegre. Usa roupas claras, de acordo com o seu estado de ânimo: sem cor, sem vida. É uma mulher melancólica, dorida, angustiada.

**GRISELDA** é morena, cinquenta e quatro anos de idade. Seus cabelos são pretos e curtos, o que lhe dá certa jovialidade. Suas roupas são de cores vivas, alegres. É extrovertida, vaidosa e alegre. Essa alegria é artificial, um mecanismo de defesa, uma tentativa de fugir da dor que ela sente. Essa sua aparente jovialidade, adquirida na maturidade, contrasta com a jovem que foi: séria e muito tensa, preocupada demais, responsável demais.

**REBECA** é loura, cinquenta e seis anos de idade. Seus cabelos estão sempre presos. Usa roupas escuras. É manca, por isso utiliza uma bengala. É uma mulher arrogante e mal-humorada. Das três mulheres, é a única que não sofreu uma mudança tão radical na personalidade. Quando jovem, já era arrogante e extremamente séria. Os anos só lhe acentuaram o mau humor.

**DORALICE** é negra, vinte e nove anos de idade. Uma mulher bonita e elegante. Forte, extrovertida, alegre e muito independente.

**PEDRO** é moreno, trinta anos de idade. Seus cabelos são pretos e longos. Usa barba. Veste roupas surradas. É um homem muito bonito. Bem-humorado, sereno e pouco vaidoso. Artista: pintor.

**DANIEL** é negro, vinte e sete anos de idade. Vestimenta: camisa de mangas curtas, calça surrada e botinas. Um homem forte e bonito. Porém, rude e rancoroso. Trabalho: um tipo de faz-tudo.

**DIÓGENES** é moreno, cinquenta e dois anos de idade. Cabelos pretos. Vestimenta formal. Um homem sisudo, exigente, metódico. Atraente. Muito solitário.

## CENÁRIO

Uma grande casa, quase centenária, com antigos móveis em estilo clássico, situada em local afastado, local de grande beleza natural.

## TEMPO

**Presente:** 1998.

**Passado:** Aproximadamente trinta e dois anos atrás.

**Observação:** O objetivo do cenário é criar um ambiente meio atemporal.

## **FLORES AZUIS**

### **CENA I. INT./ SALA VAZIA DE UM MUSEU (ILUMINADO)**

Obras do personagem PEDRO Simões, obras que retratam cenários e personagens deste roteiro. Focalizamos uma a uma. E paramos diante de uma obra em especial, que retrata um jardim de flores azuis. Fechamos nela.

### **CENA II. EXT./ TARDE**

Abrimos num jardim de flores azuis junto à casa.

Ouve-se um carro que chega e para.

### **CENA III. INT./ SALA PRINCIPAL/ TARDE**

CELINE e REBECA estão diante da escada, juntamente com PEDRO (que traz consigo uma mochila).

GRISELDA desce a escada, sorridente.

**GRISELDA**  
**(aproximando-se de PEDRO)**

Quem é o belo rapaz? Será que veio alegrar a vida de três velhas solteironas?

**REBECA**  
**(mal-humorada)**

Esse rapaz, Griselda, diz ser o seu sobrinho.

GRISELDA passa a mão no rosto de PEDRO. (Ela tem unhas compridas e pintadas.) Fica em silêncio, séria e pensativa, olhando o rosto dele. Então, balança a cabeça e continua a sorrir.

**GRISELDA**  
É, tem alguma coisa de minha irmã Selma. Aliás, como está ela?

**PEDRO**  
Morreu.

O sorriso no rosto de GRISELDA apaga-se. Ela abaixa a cabeça.

**GRISELDA**

Não somos eternos afinal. (*Levanta a cabeça.*) Faz muito tempo?

**PEDRO**

Alguns anos.

**GRISELDA**

**(sorrindo)**

Bem, não falemos de coisas tristes. A vida é curta demais para que a desperdicemos com lamúrias.

PEDRO sorri.

**REBECA**

**(erguendo a sua bengala, quase a encostando no rosto de PEDRO)**

Não pense que será assim tão fácil. Griselda é uma desmiolada. Mas comigo não. Não sou nenhuma to-

la. Quem nos garante que é realmente sobrinho dela? Hein? (*Olha para GRISELDA.*) Há quanto tempo não vê a sua irmã?

### **GRISELDA**

Ora, Rebeca. A troco de quê o rapaz mentiria?

### **REBECA**

Sua tola! Quer que eu aceite um estranho em nossa casa? Muitos já morreram por cometer tal imprudência.

### **GRISELDA**

Não precisa ter medo. Conheço as pessoas quando as vejo. (*Olha para PEDRO.*) Não se preocupe, este rapaz é de bem.

### **REBECA**

Sua insana! Não vê que pode ser um ladrão, um assassino?

**GRISELDA**

**(olhando para PEDRO)**

Não tem cara de ladrão. Muito menos de assassino.

**REBECA**

Você me faz perder o juízo. Não sei como consigo viver com uma pessoa tão insensata feito você. Por Deus, você me tira do sério!

**GRISELDA**

Sabe do que é que você precisa, Rebeca?

**REBECA**

Não tente minimizar o problema com suas pobres ironias. Cago para elas. (*Bate com a bengala no chão.*) Não, Griselda, não arredo pé da minha posição.

**GRISELDA**

Muito bem, Rebeca. Mas não se esqueça de que esta casa não é só sua. (*Vira-se para CELINE.*) O que acha, Celine?

CELINE está distraída, um pouco afastada do grupo, olhando para um jarro com flores azuis murchas.

**GRISELDA**

Celine.

**CELINE**

Ahn? O quê?

**GRISELDA**

O que acha? O meu sobrinho pode ficar conosco, não pode?

**CELINE**

**(melancólica)**

Claro que sim. (*E saindo.*) Deem-me licença, preciso subir.

**REBECA**

**(numa voz rouca)**

Celine!

CELINE não dá atenção.

**GRISELDA**  
**(olhando para REBECA)**

Está decidido. Meu sobrinho... (*Olha para PEDRO.*)  
Qual é mesmo o seu nome?

**PEDRO**

Pedro.

**GRISELDA**  
**(olhando para REBECA)**

Pedro, meu sobrinho, fica. (*Olha para PEDRO.*) Ve-  
nha, meu querido. Vou lhe mostrar o seu quarto.

Os dois caminham para a escada.

REBECA segue-os com o olhar. E quando se vê com-  
pletamente só na sala, bate, contrariada, a ponta da  
bengala no chão.

## REBECA

Ela nunca me ouve.

### CENA IV. INT./ QUARTO DE DIÓGENES/ TARDE

CELINE está sozinha, sentada na poltrona em que DIÓGENES se sentava para ler.

## CELINE

Ele se parece com você, Diógenes. É muito parecido com você. (*Silêncio.*) Então, foi isso, você mandou-o para nós. Eu percebi, Diógenes. Ele é um anjo, não é? Sim, ele é um anjo. Claro, ele veio nos trazer a felicidade. Mas sabe o que me faria feliz, Diógenes? Ver você outra vez. Sentir o seu cheiro. Que saudade do seu beijo! Eu quero ouvir a sua voz, ver de novo o seu sorriso. Por que nunca voltou para mim? Diante da minha dor, você fez silêncio. Eu chamei-o tantas vezes! Eu implorei que voltasse. Pensei em morrer só para o encontrar. Mas fui covarde, não consegui dar fim a esta minha vida infeliz. Então, concluí que você nunca me amara de ver-

dade. Porque, se me amasse, teria voltado, teria atravessado as barreiras da morte. Mas você não o fez. Não me mandou sequer um sinal. E hoje, um anjo entra pela porta de nossa casa. Não é muito tarde, Diógenes? (*Silêncio.*) É verdade, você tinha cinquenta e dois anos quando nos conheceu. Estava tão infeliz e tão solitário! Diógenes, você foi feliz quando acreditava que nunca mais seria, quando pensava que a vida já tinha acabado. Mas a vida só acaba quando acaba. O que acontece é que desistimos de sonhar, deixamos de acreditar nas coisas boas. Pensamos que nada mais acontecerá. Ficamos esperando a morte. Até que um dia, um belo dia, um anjo entra pela porta e tira-nos da dor. Foi você quem enviou o anjo, não foi, Diógenes? Pois você mandou um sinal: o anjo se parece com você. Eu percebi, Diógenes. E elas também perceberam. Rebeca resistiu. É sempre assim. É a última a ceder. (*Silêncio.*) É verdade, nós fomos os seus anjos, Diógenes. Entramos em sua vida para torná-la mais feliz. E, em retribuição, você nos manda um anjo, um anjo que se parece muito com você. (*Começa a*

*chorar.*) Mas não adianta, Diógenes. Nenhum anjo pode trazer de volta a felicidade. Eu preciso de você. Por que não fala comigo? Por que me deixa aqui falando sozinha como se eu fosse uma louca? Eu fico imaginando que está aqui, que fala comigo, que ouve os meus apelos. No entanto, eu não o sinto. Você não está aqui. Ah, meu amor, por que me abandonou? (*Cessa o choro repentinamente.*) Não, você não me abandonou. Você me enviou um anjo!

**CENA V. INT./ QUARTO DE DIÓGENES/ FLASH-BACK/ NOITE**

CELINE (jovem) está dando à luz. REBECA (jovem) faz o parto. É um parto difícil.

**CELINE**  
**(ofegante)**

Rebeca, eu vou morrer!